

No sopé da imponente montanha de Hirgonqúu situa-va-se, em tempos idos, o reino de Larbidel. Os geógrafos, pouco habilitados para fazer comparações aptas deste género, afirmaram que o reino se assemelhava a uma bola de futebol prestes a levar um valente pontapé. E foi isso mesmo que aconteceu, já que a montanha pontapeou o reino para dentro do oceano e nunca mais se ouviu falar de tal sítio.

Um dia, uma jovem princesa subiu ao cume da montanha para apanhar ovos de cabra, cujas claras são excelentes para fazer desaparecer sardas. Ovos de cabra! — Sim: os naturalistas afirmam que todos os seres são concebidos em ovos. As cabras em Hirgonqúu podiam muito bem ser ovíparas e pôr ovos para chocarem ao sol. Esta é a minha suposição, quer eu acredite nela, quer não. Estou, aliás, disposto a contestar e a insultar qualquer pessoa que se oponha à minha hipótese. Seria o cúmulo se homens eruditos fossem obrigados a acreditar naquilo que afirmam!

O lado de lá da montanha era habitado por uma nação que os Larbidelenses conheciam tão bem como

a nobreza francesa conhece o Reino Unido — que supõem ser uma ilha alcançável por terra, de uma ou de outra forma. A princesa tinha deambulado até aos limites de Cucurucu quando se viu, num repente, apreendida pelos guardas do príncipe que reinava nesse território. Estes informaram-na, em poucas palavras, de que seria levada para a capital e casada com o gigante, suserano e imperador daquela terra. Ao que parecia, o gigante gostava de ter uma esposa nova todas as noites, a qual teria de lhe contar uma história que durasse até de madrugada e ser então decapitada na manhã seguinte — estranhos entretenimentos que algumas pessoas engendram para a noite de núpcias! A princesa perguntou então, modestamente, por que motivo o suserano apreciava tanto histórias compridas. Respondeu o capitão da guarda que Sua Majestade não dormia bem.

— Bom! — retorquiu ela — e se assim for? Pois eu sou capaz de contar histórias tão compridas como as de qualquer princesa da Ásia. Aliás, sou capaz de recitar *Leonidas*¹ de cor. O vosso imperador terá mesmo de sofrer de insónias terríveis para conseguir resistir a isso.

¹ Obra épica em nove volumes, publicada em 1737 por Richard Glover (1712-85), adversário político de Walpole. (N.T.)

Por esta altura, já tinham chegado ao palácio. Para estupefacção da princesa, o imperador, longe de ser gigante, media um pouco mais de um metro e meio de altura, mas, sendo cinco centímetros mais alto do que qualquer dos seus predecessores, a bajulação dos cortesãos acabou por lhe atribuir o cognome de *Gigante*. Assim, o monarca começou a dar-se ares e a olhar de cima para baixo para qualquer pessoa de estatura superior à sua. A princesa foi imediatamente despida e deitada na cama, Sua Alteza impaciente por ouvir uma nova história.

— Luz da minha vida — disse o imperador. — Como te chamas?

— Apelidei-me a mim própria de princesa Gronovia — respondeu ela. — Mas o meu verdadeiro nome é saloia Gronoia.

— E para que serve um nome — disse o monarca — senão para nos tratarem por ele? Porque pretendes ser princesa se o não és?

— A alteração é romântica — disse ela. — E eu sempre tive a ambição de ser heroína de um romance. Ora, só existem duas condições capazes de elevar alguém a esse estatuto: é necessário ser-se pastora ou princesa.

— Pois bem, alegra-te — disse o gigante. — Morrerás imperatriz sem nunca teres sido nem uma coisa

nem outra! Mas que razão sublime tiveste para alongar o teu nome tão bizarramente?

– É tradição na minha família – esclareceu ela. – Todos os meus antepassados foram homens eruditos que escreveram sobre os Romanos. Acrescentar uma terminação latina aos nomes deu-lhes um tom mais clássico, outorgando muito mais valor à literatura que produziram.

– Isso para mim é tudo japonês – respondeu o imperador. – Mas parece-me a mim que os teus antepassados eram todos uma corja de impostores. Será por corromper o próprio nome que se passa a compreender melhor seja o que for?

– Oh – replicou a princesa –, mas também demonstrava bom gosto! Houve uma altura, em Itália, em que os eruditos levavam este costume ainda mais longe: um homem de testa alta que nascesse a cinco de Janeiro daria a si próprio o nome de Quintus Januarius Fronto.

– Ainda mais absurdo – opinou o imperador. – Pareces ter muitos conhecimentos impertinentes sobre muita gente impertinente. Mas continua a tua história: de onde vieste?

– *Mynheer* – disse ela –, nasci na Holanda.

– Ora, que diabo! – exclamou o imperador. – E onde é isso?

– Não era em lado nenhum – respondeu a princesa alegremente –, até os meus compatriotas terem conquistado o país ao mar.

– Pois sim, repariga! – disse o monarca. – Diz-me então: quem eram esses teus conterrâneos antes de haver uma terra?

– Vossa Alteza faz-me uma pergunta muito perspicaz – respondeu ela –, a qual não sou capaz de esclarecer de imediato. Mas basta-me passar pela minha biblioteca em casa e consultar cinco ou seis mil volumes de história moderna, cem ou duzentos dicionários e uma sùmula de geografia em quarenta tomos. Volto num instante.

– Mais devagar, meu tesouro – disse o imperador. – Não deves levantar-te até à hora da execução. Entretanto, é uma hora da madrugada e ainda não iniciaste o teu conto.

– O meu bisavô – continuou a princesa – era um mercador holandês que passou muitos anos no Japão.

– Com que propósito? – interrompeu o imperador.

– Ele foi até lá para abjurar a sua religião – respondeu ela –, de modo a conseguir dinheiro suficiente para regressar e defendê-la contra Filipe II.

– Vocês são uma família encantadora – disse o imperador. – Mas, apesar de gostar de fábulas, detesto

genealogias. Não conheço família nenhuma em que, segundo o seu próprio relato, não tenha havido senão homens bons e grandiosos de pais para filhos. É uma ficção que não me diverte nada. Nos meus domínios, a única nobreza que há é a lisonja. Quem melhor me elogiar será feito grande lorde, e os títulos que concedo são sinónimo dos méritos de cada um. Temos o Cã Beija-Nádegas, o meu preferido; o Cã Bajulador, tesoureiro do reino; o Cã das Prerrogativas, chefe da lei; e o Cã da Blasfémia, padre supremo. Quem fala a verdade corrompe o seu sangue, logo, degrada-se a si mesmo. Na Europa, permitem que um homem seja nobre só porque um dos seus antepassados era bajulador. Mas tudo se degenera quando se afasta demasiado da fonte. Recuso-me, portanto, a ouvir uma palavra sobre a tua linhagem anterior a teu pai: que era ele?

— Tudo se passou no auge da contestação à bula *Unigenitus*.

— Aviso-te — interrompeu o imperador — de que não me importunarei mais um segundo com essa gente de nomes latinos: eram todos uma corja de palermas e parecem ter-te infectado com a sua loucura!

— Lamento — replicou Gronovia — que Vossa Alteza sublime conheça tão pouco do estado da Europa a ponto de tomar uma ordenança papal por uma pessoa. *Unigenitus* é o termo latino para jesuítas.

— E quem são os jesuítas, que diabo?! — exclamou o gigante. — Explicas-me um termo absurdo por meio de um outro e ainda te admiras de eu não perceber nada.

— Senhor — disse a princesa —, se me permitirdes dar uma breve explicação sobre os distúrbios que agitaram a Europa ao longo destes últimos duzentos anos, a propósito das doutrinas da graça, da livre vontade, da predestinação, da condenação eterna, da absolvição e de outros assuntos, tereis melhor entretenimento e acreditareis menos em mim do que se eu contasse uma longa história sobre duendes e fadas.

— És uma tagarela incansável — disse o imperador — e muito independente no teu palrar. Mas fala à tua vontade e sobre o assunto que mais te aprouver até amanhã de manhã. Mas uma coisa te juro pela alma do santo Jirigi, que voou até ao Céu montado na cauda de uma gralha: assim que o relógio bater as oito, és uma mulher morta. Quem era então esse jesuíta Unigenitus?

— As novas doutrinas surgidas na Alemanha — começou Gronovia — obrigaram a Igreja a olhar em seu redor. Os discípulos de Loyola...

— De quem? — perguntou o imperador bocejando.

— Ignatius Loyola, fundador dos jesuítas — respondeu Gronovia —, foi...

– Escritor de história romana, suponho – interrompeu o imperador. – Mas que raio é que os Romanos vos são, para se preocuparem tanto com eles?

– O Império Romano e a Igreja Romana são duas coisas distintas – explicou a princesa. – E, contudo, podemos dizer que uma depende da outra, tal como o Novo Testamento depende do Antigo. Um destruiu o outro e, apesar disso, proclama-se seu herdeiro legítimo. As efemeridades da Igreja...

– Que horas são? – perguntou o imperador ao eunuco. – Não pode faltar muito para as oito. Esta mulher já tagarela há pelo menos sete horas. Ouve-me bem: a minha esposa do serão de amanhã será muda. Cortem-lhe a língua antes de a trazerem para a cama.

– Senhora – disse o eunuco –, Sua Alteza sublime, cuja erudição é mais vasta do que os leitões dos oceanos, é demasiado conhecedor de todas as ciências humanas para precisar de ser informado. É por isso que a sua gloriosa sabedoria prefere relatos de coisas que nunca se passaram a relatos sobre assuntos de História ou da divindade.

– Mentos – interrompeu o imperador. – Lá por recusar a verdade, não significa que pretenda proibir os assuntos divinos. Quantas divindades têm vocês na Europa, mulher?